

5. O enigmático e o obscuro tempo da adolescência

*Adriana Somogyi, Danielle Centenaro, Eliane Deitos,
Ítala Chinazzo e Raquel Moreno Garcia*

As numerosas peculiaridades da vida erótica dos seres humanos, assim como o caráter compulsivo do processo de apaixonar-se, são inteiramente ininteligíveis salvo pela referência à infância e como efeitos residuais da infância.

FREUD, 1905/1969, p. 236

Introdução

Propomo-nos uma reflexão sobre o trabalho que o psiquismo empreende em tempos de adolescência. E o entendemos inspirado no modelo do trabalho dos sonhos, do luto, nos quais o psiquismo alcança seu processo de complexização descrito por Freud, um tempo adolescente com sua função de organizar a estrutura polimorficamente perversa de outrora, das organizações parciais das pulsões sexuais. São tempos em que se produzem as transformações decisivas, as reorganizações instauradoras da sexualidade adulta. O trabalho da puberdade/adolescência consiste no reencontro com

o objeto perdido – objeto parcial anterior ao objeto da totalização – em resgatar o objeto perdido, produzindo uma série de substitutos possíveis. Referimo-nos ao texto inaugural e norteador *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905, constituído, porém, de desenvolvimentos que se nutrem de todos os fundamentos que o antecedem nas produções pré-psicanalíticas do *Projeto*/1895, da Carta 52 a Fliess e do Capítulo VII da *Interpretação dos sonhos*.

O mundo nunca mais foi o mesmo depois de Freud e seus desenvolvimentos sobre a sexualidade humana, que impõe um trabalho sem tréguas sobre o psiquismo e que jamais se sacia, arrefece – tão distintas das necessidades vitais que Freud nomeou de campo dos interesses absolutamente apaziguados pela assistência alheia.

O ser da *Hilflosigkeit*, o ser desamparado, só resiste com vida se amparado; paradoxalmente é infectado por esse outro, que é o agente dos cuidados e o promotor da sedução – não a factual em eras de pais perversos, mas a do inconsciente que habita em todo humano. Portanto, é a sexualidade promotora do inconsciente, o qual não está desde as origens, mas que advirá nas origens do sujeito que se constituirá em psíquico e inconsciente e que, em sua soberania, ditará para sempre e até que a morte nos separe, nos aparte da vida, um intenso trabalho de transformação. Como se apresentará, como se manifestará toda essa complexidade em tempos de adolescência – trabalho da adolescência?

Um projeto para o psíquico

Em 1893, a sociedade vienense se deparava com uma patologia que acometeu uma grande parte das mulheres da época e que levou Freud, Breuer e a clínica pré-psicanalítica a debruçar-se sobre seu estudo. Ao longo dessa aproximação, Freud foi percebendo que tal

patologia fazia com que os fatos fossem esquecidos, ou seja, que essa patologia chamada *histeria* apagava certas recordações. Ele atribuiu a esse sintoma algo que chamou de *recalque* e que passava, assim, a ser entendido como uma defesa diante de conteúdos que não podiam chegar à consciência, o que determinava que poderia haver desejos opostos dentro de um mesmo sujeito.

Desse estudo, surge, então, em 1895, o *Projeto para uma psicologia científica*, um manuscrito no qual medicina, biologia, física e filosofia se incrementam com o intuito de tornar a psicologia uma ciência natural. Em seu *Projeto*, Freud estava ocupado com os enigmas da histeria, sofrimento que acometia as mulheres, as adolescentes de uma época, paralisadas por conflitivas, impedidas de desfrutar as intensidades da sexualidade, da feminilidade. Essas pacientes sofriam de reminiscências de um passado que se mantinha atualizado, compulsionado no presente.

Embora seja um texto calçado na física da época e que transcendia a neurologia, o manuscrito traz em seu cerne o germen de conceitos de significante importância para a psicanálise, que virão a ser trabalhados *a posteriori*. Vivência de dor, vivência de satisfação, memória e o Eu foram contribuições conceituais feitas no texto referido.

Nesse manuscrito, Freud propõe um modelo de aparelho neuronal, aberto a tudo que advém do mundo externo e do próprio organismo. Esse aparelho, ainda rudimentar, sente a entrada dessa quantidade como um aumento de tensão e, por esse motivo, tem como função primária a descarga – ou o *princípio da inércia*. Com sua complexização, o aparelho é obrigado a abandonar sua tendência original de reduzir suas quantidades a zero para que possa sobreviver e manter-se em funcionamento, precisando tolerar certo acúmulo da quantidade que ingressa, através da manutenção desta no nível mais baixo possível – ou o *princípio da constância*.

A quantidade que ingressa depara-se com uma tela de proteção que Freud denominou *barreiras de contato*, cuja função é atenuar essas quantidades que chegam aos neurônios. As mais superficiais, pertencentes aos neurônios *Phy*, são permeáveis e deixam passar a quantidade como se não existissem. Por sua alta permeabilidade, mantêm-se nas mesmas condições de recepção, inalteradas, após a passagem da quantidade.

Já as barreiras de contato dos neurônios *Psy* só permitem a passagem da quantidade parcial ou total, porém com dificuldade. Isso significa que ficam permanentemente modificadas em relação ao seu estado anterior. Essa capacidade de ser influenciada e alterada por simples ocorrências é o que origina as vias de facilitação que, por sua vez, caracterizam a possibilidade de memória dentro desse aparelho. Esse processo depende diretamente da magnitude da impressão e da frequência com que se repete.

A retenção pelo aparelho de um pouco de quantidade permite ao pequeno ser humano utilizá-la como a força necessária para poder chorar e atrair o adulto. Isso que ocorre desde os primeiríssimos tempos de vida é importante para que, por meio de uma ação específica, um outro do mundo externo atenda às demandas do pequeno ser.

O organismo humano é, a princípio, incapaz de promover a ação específica. Ela se efetua por ajuda alheia, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para um estado infantil. Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da comunicação, e o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais (FREUD, 1895/1969, p. 370).

O humano como um ser que não sobreviveria sem algum “auxílio alheio” faz referência ao fato de o sujeito não ser capaz de eliminar por si só as quantidades que entram em seu aparelho.

Necessita desse outro ser para que, aos poucos, ocorra um desprendimento do autoconservativo em direção ao autoerotismo.

Nenhuma descarga pode produzir resultado aliviante, visto que o estímulo endógeno continua a ser recebido e se restabelece a tensão em *Psy*. Nesse caso, só é possível abolir o estímulo por meio de uma intervenção que suspenda provisoriamente a descarga da quantidade endógena (Qn) no interior do corpo, e uma intervenção dessa ordem requer alteração do mundo externo (p. 370).

Quando o desamparado é auxiliado por outrem, é facilitada no interior do corpo a atividade necessária para livrar-se do estímulo endógeno, constituindo, assim, uma experiência de satisfação, por meio de pequenas descargas chamadas de *vias colaterais*, que tendem a manter o equilíbrio neuronal. A experiência de satisfação é reinvestida através das facilitações já existentes, ao reaparecer o estado de urgência ou de desejo. Dessa forma, a *Qn* se esvai, reequilibrando a tensão do psiquismo. Surge, aí, a alucinação primitiva, momento em que a necessidade nutrícia passa a estar desprendida da alimentação.

Por outro lado, quando essas quantidades não são acalmadas por outro humano, há um aumento de tensão dentro do aparelho. O *Psy* fica completamente exposto a quantidades relativamente grandes, que tendem a ser descarregadas pelo polo motor, por conta do nível de tensão a que sucumbe o aparelho, causando dor.

A dor fica assim caracterizada como uma irrupção de *Qn* excessiva (de magnitude) ainda maior que a dos estímulos *Phy*. A dor sem dúvida deixa facilitações para trás em *Psy* – como se tivesse sido atingida por um raio –, que derrubam por completo a resistência das barreiras de contato (p. 359).

A partir daí, Freud propõe o conceito de defesa primária como resultante da vivência de dor. Quando esta, atrelada à imagem

hostil do objeto que causou essa dor, é reinvestida, surge novamente *um estado de desprazer e uma nova propensão à descarga*, uma vez que desprazer e descarga funcionam de forma concomitante. O aparelho busca fugir desse estado que, apesar de não ser a mesma vivência inicial, possui certa semelhança com ela. Portanto, *pode-se concluir que a dor deixa para trás facilidades abundantes*, já que ela é, como Freud a reconhece, o mais imperioso de todos os processos.

A organização, pertencente à Psy, responsável por interferir nas passagens de quantidade a partir da forma como ocorreram na primeira vez, ou seja, se estavam acompanhadas de afeto, de satisfação ou de dor, chama-se Eu.

Embora esse ego deva esforçar-se para se livrar de suas catexias pelo método da satisfação, não há nenhuma outra maneira de isso acontecer se ele não influenciar a repetição das experiências de dor e dos afetos e pelo método seguinte, que é geralmente descrito como *inibição* (p. 375).

A liberação do desprazer é sentida e captada pelo Eu. Um investimento colateral inibidor se apresentará, e, quanto mais intenso for esse desprazer, maior será a defesa primária. Quando essa ideia se aproxima do Eu, a repulsa surge, afastando-a da consciência e da memória, e perde-se o rastro dessa recordação. Dessa forma, é no Eu que se origina o conflito e que se arma a defesa. Diante de quantidades mais amenas, o Eu se esquiva, ligando-as e achando pequenas vias colaterais que derivam e evacua essas pequenas quantidades. Sendo assim, a experiência se torna menos traumática.

Uma carta reveladora

Em 6 de dezembro de 1896, na Carta 52 enviada a Fliess, Freud passa a trabalhar com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico se estabelece por um processo de *estratificação sucessiva*. Complexizando o que havia proposto no Projeto para uma psicologia científica – em que as vias de *facilitação* abririam passagens através das *quantidades* –, supõe, então, que a memória não é estabelecida de uma só vez, mas registrada em diferentes tempos, por meio de registros que são *inscritos, reinscritos e transcritos*, constituindo, assim, um aparelho de memória.

Freud retoma os dois tipos de neurônios – os *neurônios constituídos de células perceptuais* e os *constituídos de células mnêmicas* – e afirma que ambos se excluem mutuamente. Isso significa que os primeiros – representados tanto por *Phy* quanto por *Ômega*, neurônio da consciência – não conservam em si traços daquilo que ingressou e teriam pouco espaço para receber novos estímulos caso ficassem marcados. Aqui, as barreiras de contato são tão permeáveis que as quantidades ingressam como se elas nem existissem.

Já os neurônios da memória – representados por *Psy* – possuem barreiras de contato impermeáveis que, por consequência, armazenam e registram as quantidades que se movimentam, dando origem às marcas. Essas marcas mnêmicas vão sofrendo de tempos em tempos um reordenamento, uma transcrição. Os neurônios da memória fazem-se sentir de modo que apenas deixam passar certas quantidades, ficando sempre alterados, diferentes do estado anterior após cada excitação.

Freud entende que, para haver *operação psíquica*, fazem-se presentes *três tipos de registros em épocas sucessivas da vida*. Após a percepção do exterior, o primeiro registro é o que fica como *signos de percepção (Wz)*. Quando há esse registro, mas falta uma

transcrição subsequente, vigoram as leis psicológicas vigentes do período anterior, o que Freud chamou de *fueros*. Estes atuam de forma fragmentária e arcaica, circulando sem um lugar, como “sobrevivências”

O segundo registro, situado no inconsciente (Ub), em estatuto de representação-coisa, não tem acesso à consciência; e o terceiro registro, situado no pré-consciente (Vb), é ligado às representações verbais e corresponde ao Eu, tornando-se consciente, uma “consciência do pensamento secundário” (FREUD, 1896/1969, p. 282).

Como afirma Freud, “os sucessivos registros representam a realização psíquica de épocas sucessivas da vida. Na fronteira entre essas épocas deve ocorrer uma tradução do material psíquico” (p. 283). A falha da tradução é aquilo que chamamos de recalçamento e opera pela censura daquilo que causa muito desprazer ao chegar à consciência.

Dentro de uma mesma fase psíquica e entre os registros da mesma espécie, forma-se uma defesa normal devida à produção do desprazer. Já a defesa patológica somente ocorre contra um traço de memória de uma fase anterior que ainda não foi traduzido (p. 283).

Isso significa que um evento determinado, tendo produzido uma quantidade de desprazer no momento que era atual e sendo reativado por um evento posterior, inibirá o desprazer gerado. Assim, quanto mais vezes a lembrança retornar, mais inibida se tornará a produção desse desprazer. Em contrapartida, se o evento anterior produziu determinado desprazer e, quando redespertado, produzir um desprazer diferente, este não poderá ser inibido, pois será sentido como um novo evento.

Nos desenvolvimentos posteriores, com o intuito de complexizar o entendimento psicanalítico a respeito do seu objeto de

estudo, o inconsciente, Freud se debruça sobre o modelo onírico, lançando luz sobre o estado de vigília e o conteúdo que vem à tona quando tal estado está alterado, processos que não chegam à consciência na vida diurna. Desde muito cedo, Freud se interessa e se debruça sobre os sonhos, mas é por meio da sua autoanálise e de outros autores que se encoraja a escrever e complexizar sua teoria.

“O que um dia dominou a vida de vigília, quando a psique ainda era jovem e incompetente, parece agora ter sido banido para a noite – tal como as armas primitivas abandonadas pelos homens adultos, os arcos e flechas, ressurgem no quarto de brinquedos. O sonho é o ressurgimento da vida anímica infantil já suplantada” (1900/1969, p. 517). “O livro dos sonhos” foi o primeiro texto fundamental na obra freudiana. Freud o considerava a chave da sua obra. Em 1900, em *Interpretação dos sonhos*, ele diz que o aparelho psíquico é um instrumento composto, cujos componentes ele chamava de instâncias, sistemas, e que a realidade psíquica tem uma forma especial de existência. O lugar psíquico não é mais um lugar anatômico. É a primeira vez que Freud se refere ao aparelho psíquico como um aparelho da alma, por meio do modelo dos sonhos.

Partindo dos estudos e da compreensão do funcionamento psíquico das histéricas, Freud escreve: “Da teoria das histéricas tomamos a tese de que essa elaboração psíquica anormal de um curso de pensamento normal ocorre apenas quando esse se tornou a transferência de um desejo inconsciente de origem infantil e que se acha reprimido” (1900/1969, p. 651). Freud descobre a teoria dos sonhos sobre a hipótese de que o desejo impulsor do sonho sempre progride do inconsciente e que o desejo é o que coloca o aparelho psíquico em movimento. E, nele, o curso da excitação é regulado pelas percepções de prazer e desprazer.

O ato de sonhar é extremamente complexo e sofisticado, e não seria possível explicar a formação do sonho sem supor a existência

de duas instâncias psíquicas, uma das quais submete a atividade da outra a uma crítica, cuja consequência é não se tornar consciente. Para um melhor entendimento da complexidade na formação do sonho, se faz necessário compreender que toda atividade psíquica parte de estímulos (internos e externos) que ingressam no aparelho psíquico, ou seja, as percepções, que percorrem um caminho e uma direção – ingressam por uma extremidade sensível, onde nada do que entra se conserva nesse sistema, assim como não possui registro de memória. O que se supõe é que, no decorrer do processo, existam sistemas chamados de *sistemas mnêmicos* (Mn), que recebem esses estímulos perceptivos, e que neles possam ocorrer associações. As excitações causadas pelas percepções que ingressam no aparelho podem se propagar de um elemento mnêmico para outro devido à diminuição na resistência e a novas vias facilitadoras. Na outra extremidade do aparelho, está a *extremidade motora*, que abre as comportas da motilidade.

Esse caminho, que, em geral, o processo psíquico percorre, segue fazendo do aparelho psíquico um *aparelho reflexo*. Até então, a compreensão do aparelho psíquico como um aparelho reflexo havia sido feita sem considerar o sonho e os esclarecimentos psicológicos que dele podiam ser extraídos.

Na formação do sonho, o sistema que critica mantém relações mais próximas com a consciência do que o sistema que é criticado, localizado no sistema inconsciente. Portanto, o sistema Cs está mais próximo da extremidade motora. O último dos sistemas nessa extremidade é o Pc. O sistema que se encontra por trás do Pc é chamado de Ic, que só terá acesso à consciência através do Pc. Porém, para que haja a passagem do material que se encontra no Ic para o Pc e, assim, tenha acesso ao sistema Cs, o processo de excitação tem que se submeter a modificações. É dentro desse esquema complexo que o sonho se constrói.

O sonho, além de ser o guardião do sono, tem como força motriz a realização de desejos que se encontram recalcados no inconsciente. Quando dormimos, ocorre a retirada do investimento dos sistemas Pc/Cs. O que é do conteúdo inconsciente, os desejos recalcados que se encontram nesse sistema, permanece buscando formas de ser resolvido, de acessar a consciência. Os restos diurnos (aspectos do dia, sensações fisiológicas etc.) que estão na consciência vão se somar às pulsões advindas do Ic, na formação do sonho. Nessa complexa formação, o sonho ainda é obrigado a se ligar a pensamentos oníricos, que são pensamentos similares aos de vigília. Porém, o que os diferencia é que os pensamentos oníricos estão no comando do nosso inconsciente, fazendo igualmente parte do sistema Pc.

Em sua formação, os sonhos também sofrem interferência da censura psíquica que ocorre sob a influência do recalçamento. Durante o sono, a resistência que montou guarda na fronteira entre Ic e Pc diminui, o que ajuda a formação do sonho, facilitando para que o material que está no Ic apareça transformado, distorcido; assim, pode ocorrer a condensação do material psíquico, no qual imagens, ideias e temas se combinam num só, o que faz com que, no sonho, esses conteúdos latentes apareçam “abreviados”, condensados. Seria a consideração da representabilidade em imagens sensoriais e certa aparência racional e inteligível do material onírico.

Para ilustrar o funcionamento psíquico na construção de um sonho, cito o caso de Paulo, um adolescente de 17 anos em tratamento analítico há dois anos que busca ajuda por não estar conseguindo dormir, por se sentir desesperado quando seu namorado dá algum sinal que, para ele, pode significar separação, rompimento. Esse sinal pode ser o simples fato de não atender à chamada de celular ou discutirem. Sente e acredita que vai ficar sozinho e não suportará, entrando em desespero. Durante o processo de

tratamento, consegue se dar conta de que, antes dessa relação de “grude” com o namorado, havia vivido o “grude” com a mãe, numa relação de engolfamento, de díade sem fim. Uma mãe que não permitiu o desgrude.

Ele não podia existir com seu próprio Eu, talvez não dispusesse de possibilidade de um si mesmo, de uma vida própria. Sua queixa é de se sentir sufocado pela mãe, como uma extensão dela. Filho único, pai submetido à esposa e, como conta Paulo, “sem voz alguma”. Desde que Paulo nasceu, sua mãe temia que ele pudesse morrer, não permitindo que ele brincasse, andasse de bicicleta ou fizesse qualquer movimento que não fosse ler livros, estudar e ficar em casa. Quando bebê, a mãe temia muito que o alimento que ela lhe oferecia não fosse suficiente, que ele pudesse morrer. Quando entra na puberdade, percebe que, lá fora, na vida, havia mais coisas além do que a mãe lhe oferecia, mas se acomodava com seus livros e com seu quarto todo enfeitado com símbolos da série de livros *Harry Potter*, inclusive a varinha mágica. Adorava as magias do personagem. Aos 14 anos, começa a dar aula de inglês – uma sugestão da mãe – e acaba se tornando um exemplo para os primos, o que faz com que ele se empenhe ainda mais para ser bom nisso, sendo muito elogiado por todos. Nessa época, chega para tratamento, parecendo um adulto ocupado.

Na adolescência, um pouco antes de vir para tratamento, assume para os pais que é homossexual. O pai, sem voz alguma, sem posicionamento, acata o que a esposa pensa sobre isso, deixando Paulo à mercê dela. A mãe fica seis meses sem conversar com o filho. Ele entende que ela agiu assim para puni-lo, pois ele havia escolhido algo para si diferente do escolhido por ela. Com o caminhar do tratamento, ele começa a não mais atender à mãe e escolhe sair com os amigos em vez de ficar com os pais, vendo filme e comendo pipoca. A mãe reage dizendo que um dia vai morrer e ele vai sentir sua falta e se arrepender. Isso o deixa mal, sai de casa

um tanto culpado, mas consegue fazer as coisas que deseja. E Paulo produz um sonho, relatado por ele da seguinte maneira:

Eu estava fazendo um trabalho de faculdade e meu cachorro, que eu adoro, não parava de falar... ele falava e não latia. Pedi pra ele parar de falar, para fazer silêncio, porque eu precisava estudar, fazer minhas coisas. Ele não me ouvia, não me atendia. Saí da cadeira em que eu estava, peguei ele pelo pescoço, apertei até que perdesse a voz. Não cheguei a matar. Minha sensação era de um alívio grande, mas, depois, comecei a me sentir culpado por ter feito o que fiz.

Paulo acorda em sudorese e angustiado.

Em sessão, analisando o conteúdo do sonho, Paulo associa o cachorro que não o atende à mãe que nunca o escuta. Produz esse sonho em um momento de sua vida em que vem conseguindo se posicionar melhor diante da mãe, começando a existir como alguém distinto dela. Está morando sozinho em outra cidade, onde faz faculdade, saindo à noite com amigos. Terminou um namoro de muitos anos, sentindo-se muito mais livre e seguro. Diante de todas as mudanças na sua vida, sua mãe se mostra resistente e contrária. Segundo ele, a mãe só suporta que ele esteja distante por acreditar que ele voltará a morar com ela quando a faculdade terminar.

Ocorre nesse sonho a realização de desejos: calando o cachorro, ele cala a mãe. A raiva que sentia (ou sente) da mãe, sufocada durante a vigília, pôde aparecer no sonho deslocada para a figura do seu cachorro. Por um lado, sentiu-se angustiado por ter sido agressivo; por outro, aliviado por conseguir “dar voz” ao que era dele. Trata-se, então, de um sonho de angústia, sem deixar de ser realização de desejo, no qual os conteúdos que, num primeiro

momento, seriam impossíveis de ser acessados pela consciência são trazidos para o espaço analítico, sendo, a partir daí, com acesso à consciência, ampliada a capacidade ligadora do Eu.

Os sonhos têm a peculiaridade de transformar seu conteúdo de representações em imagens sensoriais. Para que isso aconteça, precisa haver um movimento regressivo na produção de um sonho:

Pensamos que essa regressão, sempre que ocorre, é um efeito da resistência que se opõe ao avanço de um pensamento em direção à consciência pela via normal, e da atração simultânea que sobre ele exercem lembranças de grande vividez sensorial. (FREUD, 1900/1969, p. 598)

Um desejo, uma preocupação, pela via do Pc, se enlaçam com um desejo infantil inconsciente e recalcado, buscando, por meio do sonho, tornar-se consciente.

Um sonho nessa época de construções freudianas sempre é realização de desejo, mesmo que acompanhado do sentimento de angústia. Freud dividiu o sonho em dois grupos: os que aparecem abertamente como realização de desejo, em que o que está no inconsciente coincide com os desejos do consciente, e aqueles em que essa realização de desejo é irreconhecível, dissimulada com todos os meios. Nestes, ocorre a obra da censura, que é imposta pela resistência. São sonhos que sofrem deformação, pois o desejo progrediente do inconsciente não pode ser percebido durante o dia. Nos sonhos em que há desprazer e angústia, ocorre discórdia entre Ic e Cs. Os sonhos desprazerosos podem ser também “sonhos de punição”, mas sem deixar de ser uma realização de desejo, como um desejo inconsciente que não é oriundo do recalcado, mas do Eu inconsciente. Os sonhos de punição indicam a participação maior do Eu, porção do Eu inconsciente que é pré-consciente.

Esses conteúdos surgem mais facilmente com pressuposto contrário, quando os pensamentos dos resíduos diurnos são de satisfação, mas expressam satisfações proibidas, exigindo que o sistema Pc atue equilibrando o que está no Ic com os conteúdos Cs, para que possa aparecer de forma mais aceitável.

Observa-se, na formação do sonho, que ele é construído de material e acontecimentos recentes, que podem parecer impressões indiferentes (resíduos diurnos) que ingressam em seu conteúdo como substitutos dos elementos mais antigos, porque são, ao mesmo tempo, os que menos têm a temer da censura imposta pela resistência. Essa negociação entre os sistemas oferece ao inconsciente algo imprescindível: o ponto necessário de união para a transferência.

Só compreenderemos a negociação se tivermos presente o papel do desejo inconsciente e recorrermos à psicologia das neuroses. Esta nos diz que a representação inconsciente é incapaz, em si, de ingressar no pré-consciente e que só consegue atuar nele unindo-se a uma representação inofensiva, já pertencente ao pré-consciente, para a qual transfere sua intensidade e que serve para encobri-la. É a transferência que explica tantas ocorrências notáveis na vida psíquica dos neuróticos (FREUD, 1900/1969, p. 614).

Da mesma forma, os sonhos em formação, enquanto realização de desejos, buscam substituir as representações penosas por representações contrárias e recalcar os afetos desprazerosos correspondentes. Em uma sorte de comunicação preliminar, traremos proposições de Jean Laplanche a respeito do sonho, que serão complementadas ao longo do texto, por exemplo: “esse fragmento tão surpreendente de nossa vida, cria para ele algo que, desde sempre, surgiu como eloquente e, ao mesmo tempo, é alheio a nossa vontade em geral” (LAPLANCHE, 2015, p. 66). Laplanche aporta duas questões: a comunicação do sonho, especialmente no tratamento

analítico, e o sonho como comunicação em sua especificidade inter-humana.

Os Três ensaios e a sexualidade humana, inter-humana

Em 1905, Freud publica *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, um dos principais textos da teoria psicanalítica, o qual contou com edições revisadas e modificadas num período de vinte anos. Nesse momento, Freud faz o diálogo entre os fenômenos observados em sua clínica – as psiconeuroses – e os aspectos da sexualidade humana, da biologia, da fisiologia, da química, compreendendo associações causais com as experiências sexuais infantis. O desenvolvimento psicosssexual é abordado, então, a partir de uma ideia ampliada de sexualidade, presente desde o início da infância, e chegando à vida adulta, quando é possível analisar os desvios, os sintomas, a vida anímica da patologia ao constitutivo.

Freud faz uma análise da teoria da sexualidade humana a partir dos comportamentos perversos, dos desvios da sexualidade com fim reprodutivo, para então compreender o desenvolvimento constitutivo. Nessa análise, refere o trabalho da puberdade como intimamente ligado ao desenvolvimento sexual infantil, sendo um equívoco supor que a vida sexual só inicia na puberdade. Com isso, Freud inaugura um conhecimento à humanidade, desvendando a sexualidade infantil e o desenvolvimento do aparelho psíquico, do aparelho sexual.

Um estudo aprofundado das manifestações sexuais da infância provavelmente nos revelaria os traços essenciais da pulsão sexual, desvendaria sua evolução e nos permitiria ver como se compõe a partir de diversas fontes (FREUD, 1905/1969, p. 163).

Para falar de sexualidade ampliada, Freud utiliza o conceito “pulsão sexual” para diferenciar de instinto, um representante psíquico de fontes internas de estimulação, sem qualidade, “uma medida da exigência de trabalho à vida anímica” (p. 159). Trata-se de um trabalho da vida toda, de um trabalho psíquico inaugurado por outro, que excita e satisfaz o sexual na vida anímica por meio das zonas erógenas, estimuladas a partir dos cuidados rotineiros ao bebê (amamentação, trocas) e pelos afetos trocados (carinhos, beijos).

A mãe provavelmente ficaria horrorizada se lhe fosse esclarecido que, com todas as suas expressões de ternura, ela está despertando a pulsão sexual de seu filho e preparando a intensidade posterior desta (p. 211).

O sexual instaurado pelo outro sedutor na vida anímica impõe trabalho ao bebê, que satisfaz, sente prazer e/ou alívio do desprazer (tensão), por meio de manifestações como as chamadas autoeróticas. Nesse sentido, Freud descreve a pulsão como dirigida ao próprio corpo, e não ligada a outra pessoa – como o ato de chuchar, a masturbação... Essas manifestações da sexualidade infantil denunciam o polimorfismo da pulsão sexual, que, assim, é entendida tendo em vista as três condições descritas por Freud: “nasce apoiando-se numa das funções somáticas vitais, ainda não conhece nenhum objeto sexual, sendo autoerótica, e seu alvo sexual acha-se sob o domínio de uma zona erógena” (p. 172).

Considerando as condições somáticas da criança, o sexual infantil é parcial, não pode ser genital. Dessa forma, essa sexualidade ampliada é definida por Freud em sua disposição perversa polimorfa, sendo excitada e satisfeita por qualquer órgão físico. Como tal, a excitação em excesso pode provocar sensações desprazerosas, que, para serem suprimidas, “despertam forças anímicas contrárias (moções reativas)” (p. 168), os chamados *diques*: o asco,

a vergonha e a moral. Falamos aqui de trabalho psíquico entre o sexual e a civilização.

Até agora, destacamos como características da vida sexual infantil o fato de ela ser essencialmente autoerótica (seu objeto encontra-se no próprio corpo) e de suas pulsões parciais serem inteiramente desvinculadas e independentes entre si em seus esforços pela obtenção do prazer. O desfecho do desenvolvimento constitui a chamada vida sexual normal do adulto, na qual a obtenção de prazer fica a serviço da função reprodutora, e as pulsões parciais, sob o primado de uma única zona erógena, formam uma organização sólida para a consecução do alvo sexual num objeto sexual alheio (p. 186).

Esse primeiro momento do desenvolvimento psicosssexual é entendido como organizações pré-genitais da vida sexual, tendo em vista que as zonas genitais ainda não assumiram seu papel preponderante. As satisfações sexuais parciais devem passar, então, pelo importante processo psíquico de recalçamento, quando as satisfações são negociadas e adequadas às exigências sociais. Para tal, é necessário que haja um apaziguamento das pulsões sexuais, momento que Freud denomina *latência*.

Ao final da latência, chega-se, então, às transformações da puberdade, momento em que as pulsões sexuais retomam sua intensidade, o trabalho da adolescência. Nesse momento, Freud refere uma corrente de ternura da vida sexual que, após o recalçamento, lida com escolha de objeto da adolescência, que é diferente, mas ainda influenciada pela escolha de objeto da infância.

A escolha de objeto da época da puberdade tem de renunciar aos objetos infantis e recomeçar como uma corrente sensual. A não confluência dessas duas correntes tem como consequência, muitas vezes, a impossibilidade de se alcançar um dos ideais da vida sexual – a conjugação de todos os desejos num único objeto (p. 189).

Até a puberdade, “a pulsão sexual era predominantemente autoerótica; agora encontra o objeto sexual” (p. 196). Essa frase resume o trabalho psíquico da adolescência. A vida sexual genital deve fazer convergir as duas correntes dirigidas ao objeto sexual e à meta sexual: a de *ternura* e a *sensual*. Assim, Freud articula a influência da vida sexual infantil para a vida sexual adulta, consolidada a partir da puberdade. Analisando o desenvolvimento psicosssexual, Freud percebe a passagem da libido do Eu, presente inicialmente, para a libido do objeto: “o encontro do objeto é, na verdade, um reencontro” (p. 210). A libido do objeto infantil encontra-se ligada às figuras parentais, caracterizando o proibido incesto, e como tal deve ser deslocada para os demais objetos na puberdade.

Se *Três ensaios* constitui um documento testamentário da psicanálise sobre o polimorfismo da sexualidade humana, garantindo o passo para a desnaturalização dela e asseverando a plasticidade da libido a partir das inscrições que a mãe – aquela primeira e terrível sedutora – promoveu em seu rebento, também nesse texto desfilam a biologia, o etapismo, uma certa psicologia desenvolvimentista. Porém Laplanche, fazendo trabalhar Freud, resgata as intensidades da comunicação inter-humana, da prioridade do outro, e fornece um protagonismo à sedução: generaliza essa situação antropológica fundamental – novos fundamentos para a psicanálise.

Avatares da sedução em Laplanche

Em 1895, Freud propôs que cenas reais de sedução estariam presentes na gênese da histeria, tendo, assim, um fator determinante na etiologia das psicose neuroses. Nesse momento da sua obra, Freud fala em sedução por parte de um adulto em relação à criança. Ele elabora sua teoria a partir da escuta clínica das pacientes histéricas, e suas conclusões na época indicavam uma sedução no sentido de

um abuso consumado por meio de propostas e/ou manobras sexuais. Essas cenas ou vivências eram traumatizantes para o sujeito e oportunizaram que Freud esquematizasse a teoria do trauma em dois tempos na tentativa de explicar o recalçamento.

Laplanche, baseado em Freud, diz que, na teoria do trauma,

nada se inscreve no inconsciente humano, a não ser na relação de ao menos dois acontecimentos, separados no tempo por um momento de mutação que permite ao sujeito reagir de outra forma do que na primeira experiência, ou, melhor, reagir à lembrança da primeira experiência de outra forma do que reagiu à própria experiência. (1992, p. 120)

O primeiro tempo, o da sedução propriamente dita, foi caracterizado por Freud como o tempo do acontecimento sexual externo, “factual”, um tempo de experiência sexual prematura. Freud também o chamou de *tempo do terror*. Segundo Laplanche, um tempo “no qual uma criança mais ou menos pequena é confrontada passivamente com uma irrupção da sexualidade adulta. A criança em questão, nessa sedução que definimos como infantil, está sempre num estado de imaturidade, de incapacidade, de insuficiência em relação ao que lhe acontece” (1992, p. 114). De acordo com Freud, nesse primeiro tempo, o sujeito despreparado é confrontado com uma ação sexual cujo significado ainda não pode ser entendido. O acontecimento ficaria em suspenso no aparelho psíquico, “guardado” como uma lembrança sem estatuto tópico. Essa lembrança por si só não é patológica, nem traumática, só se tornando traumática pela revivescência, quando uma segunda cena aciona por associação a primeira. Na oportunidade de uma segunda cena, o sujeito, diante de novas e mais elaboradas possibilidades psíquicas, funcionará como fonte de energia autotraumatizante; afinal, o

que desencadeia o trauma não seria a cena propriamente dita, mas a lembrança. Nesse segundo tempo, o sujeito teria condições de ressignificar a sedução vivida na infância, e o destino desse tempo autotraumático seria o recalçamento.

Para Freud, o adulto em questão na cena da sedução é um adulto perverso. “Enquanto sustentou sua teoria (de 1895 a 1897) não desistiu do caráter perverso daquele que chama, de forma sistemática, o ‘pai da histérica’” (LAPLANCHE, 1992, p. 116). Laplanche resgatou a teoria da sedução de Freud e considerou esta um dos pontos fracos do desenvolvimento freudiano, já que Freud ficou restrito à realidade factual e se limitou a pensar nas questões patológicas. Na Carta 69 a Fliess, Freud diz não acreditar mais nas suas históricas, por não encontrar a realidade factual da sedução infantil. A teoria da sedução é “recalcada” por Freud e, quando repensada e ampliada por Laplanche, torna-se eixo das suas considerações, fundamentando o desenvolvimento da teoria da sedução generalizada.

Laplanche denomina a teoria de Freud como teoria da sedução restrita e considera que o pai perverso da teoria freudiana teria cedido lugar à mãe sedutora, que seduziria ao se encarregar dos cuidados precoces do filho (aquela mãe que ficaria horrorizada se soubesse que, ao cuidar, também seduz, citada por Freud em 1905). Embasado nesse elemento, Laplanche parte do que nomeou de situação originária para introduzir suas ideias. Essa situação se baseia no momento inicial de passividade da criança pequena diante do mundo do adulto ativo e sexualizado.

Mas este mundo adulto não é um mundo objetivo que a criança teria que descobrir e aprender, como aprende a andar ou manipular as coisas. Caracteriza-se ele por mensagens no sentido mais amplo do termo (linguísticas ou simplesmente languageiras: pré

ou paralinguísticas), que interrogam a criança antes que ela as compreenda e às quais deve dar sentido e resposta, o que é uma só e mesma coisa. (1992, p. 133)

Essas mensagens emitidas pelo adulto são traumáticas para a criança, na medida em que vinculam um sentido por ele ignorado, e Laplanche introduz o termo “sedução originária” para explicar essa situação inicial, fundamental e universal em que o adulto propõe à criança essas mensagens impregnadas de significações sexuais inconscientes.

A sedução originária é constitutiva e, segundo o autor, está baseada numa forma de comunicação inconsciente por meio de mensagens enigmáticas que o adulto envia, a partir do seu inconsciente recalcado, para a criança, que não tem condições de traduzir por ter um psiquismo ainda muito incipiente. O que define o enigma no conteúdo da mensagem é o material inconsciente enviado pelo adulto na cena da sedução. Esse adulto tem suas representações recalcadas reativadas quando se encarrega dos cuidados com a criança e veicula no conteúdo das mensagens significantes-dessignificados, representação-coisa, que ficarão como objeto fonte da pulsão no psiquismo infantil. Para Laplanche, essas mensagens endereçadas à criança serão implantadas ou intrometidas pelo adulto no psiquismo infantil. De acordo com o autor, a implantação seria um processo normal e cotidiano de transmissão das mensagens, um processo neurótico e possível de ser assimilado e posteriormente traduzido. A intromissão seria sua variante violenta, com capacidade traumática e imetabolizável, gerando marcas excessivas, que ficam desligadas no aparelho psíquico e com menos possibilidades de tradução. Para Laplanche, essas mensagens podem gerar um fracasso radical na tradução e culminar no que o autor chamou de “inconsciente encravado”, sendo a principal defesa desse aparelho não a tradução e o recalçamento, mas a

recusa (*Verleugnung*). Nesse sentido, estaríamos diante de estruturas mais comprometidas, organizações não neuróticas.

As mensagens enigmáticas geram na criança uma tentativa de tradução e simbolização. Para isso é preciso que ela já tenha alguma capacidade simbólica de transformar e decodificar os enigmas que recebeu e que seguirá recebendo no futuro. Isso torna o ser humano autoteorizante e hermeneuta diante do trabalho psíquico de tradução e transcrição das mensagens. O enigma é infundável e propõe exigências de traduções ao longo da vida. Esse processo tradutivo tem como destino duas possibilidades: uma parte das mensagens não é passível de tradução e acaba gerando restos; essas sobras que não passam pelo processo refinado de simbolização vão constituir o inconsciente e a pulsão. Esse material sobranter e impossível de ser traduzido sofrerá a ação do recalçamento, e é nesse sentido que Laplanche resgata o papel ordenador do recalçamento originário, que cliva o aparelho psíquico e, portanto, resguarda um estatuto típico ao material inconsciente, mantendo-o separado do restante do aparelho. Segundo Laplanche,

o inconsciente é aquilo que escapou a esse dar sentido que designo como tradução. Ele não é do domínio do sentido, mas constituído de significantes privados de seus contextos originais, logo, largamente privados de sentido e muito pouco coordenados entre si. (2015, p. 196)

Assim, o autor postula a ideia de que as pulsões de vida e de morte estão na origem do inconsciente recalcado. Por outro lado, a parte traduzível das mensagens constituirá o Eu e o pré-consciente, considerando que aquilo que pode ser traduzido passa a ter condições de ser incorporado pelo Eu.

A tradução das mensagens e o recalçamento originário não se fazem em um só tempo, mas se dão, como no esquema do traumatismo, em dois tempos: no primeiro tempo,

a mensagem é simplesmente inscrita, ou implantada, sem ser compreendida. Como se fosse mantida sob a camada fina da consciência ou “sob a pele”. Num segundo tempo, a mensagem é revivificada do interior. Ela age como um corpo estranho interno que é preciso a todo preço integrar, controlar. (p. 195)

As primeiras traduções que a criança dá às mensagens adultas estão acompanhadas de defeitos (defasagem da criança em relação ao adulto, sujeito de inconsciente), primeiros recalcimentos ou recalcimentos originários. Nesse processo, a criança fará uma substituição significativa ou metábole nas mais diversas modalidades que o termo possa abranger.

Essa metábole pode resultar em duas modalidades: *metáfora* ou *metonímia*. Na metáfora, esse corpo estranho interno que precisa ser integrado dará origem ao pré-consciente. Já na metonímia, haverá uma ligação de contiguidade. Tais modalidades não se encontram em estado puro; encontram-se mescladas entre si. Portanto, metáfora e metonímia se entrelaçam, formando um tecido simbolizante. Laplanche propõe: “É essa malha simbolizante que pouco a pouco permite arrancar de sua obscuridade algo do recalcado original” (1992, p. 141).

Pela invasão do conteúdo sexual do adulto, algumas mensagens sofrem um “atraso” na tradução, são decodificadas *a posteriori* em função do conteúdo traumático que contêm e da incapacidade de serem compreendidas no momento que ingressaram no aparelho psíquico infantil. Freud chamou de *trauma em dois tempos*,

enquanto Laplanche renomeou de *après-coup*, dando a ideia de um segundo golpe. *O après-coup seria um acontecimento traumático tardio em busca de um sentido, de uma tradução.* O modelo do *après-coup* é a possibilidade de traduzir o enigma do outro, é dar sentido tardiamente, como no processo de análise – no qual o paciente nos procura com enigmas e, a partir da escuta analítica, vamos propondo interrogações e hipóteses, na tentativa de reconstruir um sentido que até então permanecia enigmático, desconhecido para o paciente, sendo que o sentido será dado pelo paciente *a posteriori*.

Lembro de compartilhar alguns fragmentos de um caso pela questão das invasivas e intromissões. Aos 17 anos, Luan procurou análise como tentativa de entender o que vinha se passando e na esperança de que um dia pudesse voltar a dormir normalmente. Há meses, ele não conseguia conciliar o sono de forma tranquila e, quando dormia, era atacado por pesadelos terríveis. A única saída que teve para lidar com o ataque do pulsional foi elaborar estratégias reais e comportamentais que o mantivessem em vigília (manter luzes acesas, programar despertador para impedir que dormisse por muitas horas e tivesse pesadelo etc.). Diante da fragilidade do Eu, o conteúdo pulsional progredia sem que Luan tivesse condições de defesa.

Nos pesadelos, apareciam os traumatismos, os excessos, o conteúdo que não podia ser traduzido e, que sem ajuda, não tinha como ser integrado na malha de tradução egoica. O conteúdo dos pesadelos consistia em fugas, perseguições e mortes violentas. À noite, tinha medo dos pesadelos e, durante o dia, ficava capturado pelo medo de altura, de lugares fechados e de falar em público. Luan sentia-se em risco, um sentimento de perseguição interno, mas projetado no outro como forma de não enlouquecer, uma tentativa de tornar externo aquilo que o atacava de dentro para se proteger. Na análise, o vínculo foi ambivalente e por vezes atacado;

às vezes eu o ajudava, e, em outras, minha presença representava o outro que ameaçava, que poderia se intrometer, e ele precisava se afastar. Em diversas sessões silenciava, mas sempre comparecia.

No seu histórico infantil, o pequeno Luan escutava o choro dos bonecos e super-heróis que enfeitavam as prateleiras do seu quarto, denunciando momentos iniciais de possível cisão com a realidade. Sua história pregressa com pai e mãe? Assustadora, aterrorizante! daquelas histórias em que o adulto diante da sua alteridade não assegura, não traduz, não acalma, intromete! A mãe traduzia os dias ensolarados como chuvosos na tentativa de manter o filho “na barra da sua saia”, batia para “educá-lo”, entrava subitamente no quarto e banheiro para verificar o que Luan estava fazendo. A figura da mãe o amedrontava e lhe causava pânico.

Nos pesadelos, muitas vezes, aparecia esquartejando a figura materna e paterna, o parricídio consumado sem deformação alguma, e Luan acordava se esvaindo em angústia. A intromissão aparecia na clínica sem possibilidade de tradução pela violência com que ingressou no psiquismo de Luan. Na puberdade, surgiram questões relativas ao gênero, e seus relacionamentos sempre foram homoafetivos, mas nunca puderam ser assumidos diante da família, sempre apresentados como amigos aos seus pais. Esses relacionamentos também não eram “assumidos” por Luan como relação de amor e de desejo. O trabalho de análise se deu com a proposta de ofertar sentido e ligação para todo esse conteúdo de caráter desligado.

Em tempos de narcisização...

Nos aportes de Silvia Bleichmar, buscaremos resgatar e salientar a trajetória percorrida no início da vida pelo sujeito psíquico – destinos da pulsão, destinos do sujeito.

Bleichmar ocupou-se em construir uma teoria que desse conta das origens, que tratasse da constituição da tópica psíquica e dos movimentos de fundação do inconsciente. A autora afirma que o inconsciente não está presente desde o início da vida e que seria um produto do recalçamento originário e da relação sexualizante com o outro humano, tema que foi pouco desenvolvido por Freud e seus sucessores.

Seguindo essa vertente teórica, entendemos que a criança quando nasce está desprovida de psiquismo, possui somente capacidades adaptativas e necessidades conservativas. É a partir dos primeiros contatos com o adulto que se instauram algumas marcas que futuramente farão parte do seu psiquismo. Inicialmente, o bebê não tem condições de entender e decifrar o que é percebido e sentido por ele. Nesses primeiros tempos, as sensações ainda são corporais e invadem o bebê em forma de quantidades a partir dos cuidados exercidos pelo outro no corpo. Essas quantidades são traumáticas para a criança e, lembrando o que abordamos anteriormente no modelo do Projeto proposto por Freud, jamais poderão ser reduzidas a zero.

Bleichmar adverte:

Esta energia somática que se torna psíquica é efeito da intervenção materna que ao se encarregar dos cuidados com a cria promove um encontro com o objeto sexual inicial. É este objeto, em princípio, que inunda de uma energia não-qualificada propiciando, no real

vivente, um traumatismo, no sentido extenso do termo, já que rompe algo da ordem somática pelas linhas do sexual. (1994, p. 23)

Depois que ingressam no aparelho psíquico, essas quantidades de energia deixam de ser apenas quantidades e passam a ter outro estatuto, tornando-se energia sexual, pulsão, e precisando encontrar modos de circulação e ligação para que não tenham como único destino a descarga motora. Esse *plus* traumático exigirá um processamento psíquico, visando encontrar vias de descarga ou de ligação dessas quantidades excedentes.

Esse encontro com o outro produz no psiquismo infantil registros, marcas, gerando as primeiras inscrições ou, como referimos acima em Freud, os signos de percepção que, em um complexo processo, darão origem ao inconsciente, inaugurado pela ação do recalçamento originário.

De acordo com as teorizações de Bleichmar, o recalçamento originário funcionará como “um verdadeiro reordenamento, de estabelecimento de legalidades específicas das quais a história adquire sentido” (1993, p. 199). A autora esclarece que o recalçamento atua sobre aquilo que é parcial, autoerótico. O recalçamento originário age sobre aquelas primeiras inscrições, fixando-as no inconsciente e dando origem às representações-coisa. Essas inscrições sexualizantes vão sendo implantadas no psiquismo da criança e inscritas pelo adulto nos momentos em que este se encarrega dos cuidados com o corpo do bebê. Essas inscrições de alta voltagem sexual são emitidas desde o inconsciente recalçado do adulto e, por isso, sem que ele saiba que está enviando, ingressam na criança desprovidas de sentido, dando origem ao pulsional desligado, uma energia sexual ainda sem ligação psíquica. Aqui, Bleichmar sustenta-se na teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche e a

amplia, dizendo que também caberia a esse adulto que sexualiza ofertar possibilidades de ligação dessa energia sexual que ingressa no pequeno ser de forma tão anárquica. Ao mesmo tempo que o adulto oferta elementos que constituem o inconsciente e que são promovidos por meio de inscrições sexualizantes, o Eu da criança também será constituído por meio dessa relação, do Eu e do narcisismo desse adulto. A essa dupla função, Bleichmar atribui o nome de *duplo comutador*, propondo assim que, por um lado, a mãe invade, a partir do seu próprio inconsciente, quantidades desligadas de energia que excitam a criança, e, por outro, a partir do seu Eu e narcisismo, oferta condições para que essas quantidades desligadas encontrem modos de circulação e fixação no inconsciente.

Para exemplificar esse “duplo” da função materna, Bleichmar nos convoca a pensar no momento da amamentação, em que, a partir do seu inconsciente, a mãe sexualiza o rebento, excita-o, no mesmo momento que ela,

provida de um Ego, capaz de investir narcisisticamente o bebê e não apenas de propiciar a introdução de quantidades sexuais pontuais não ligadas, acariciará as mãozinhas, sustentará a cabeça com delicadeza, acomodará as pernas da cria, gerando a partir disto vias colaterais de ligação. A representação totalizante que o bebê adquire no interior dos sistemas do narcisismo egoico materno será o que permitirá que a pulsão, intrusiva, atacante, encontre de início formas de ligação por vias colaterais. (1994, p. 27)

Essa possibilidade é ofertada por uma mãe que, a partir de seu narcisismo transvasante, consegue investir amorosamente seu bebê e percebê-lo como um sujeito separado de si, proporcionando que essa criança, ao ser identificada, posteriormente se identifique

com uma imagem unificada e totalizante de si. É a partir do olhar da mãe que a criança vai descobrindo quem é, que valor tem, como é. Nesses primeiros tempos, estamos no terreno constitutivo das identificações primárias.

Essas funções maternas de excitação e ligação têm desdobramentos, e, segundo Bleichmar, o que entra como excitação por meio dos cuidados autoconservativos estaria ligado à fundação do psiquismo da criança, dando origem à pulsão e à sexualidade. Apoiada em Laplanche, a autora chama de *sedução originária* esses momentos em que o adulto emite inscrições sexualizantes a partir do seu inconsciente e que são implantadas – na melhor das hipóteses – ou intrometidas, em sua versão mais violenta, no psiquismo infantil. Essa relação adulto/bebê é uma relação assimétrica – um adulto ativo e sexualizado diante de uma criança inicialmente passiva –, e é justamente essa assimetria que define a sedução.

Outro desdobramento relacionado ao duplo comutador estaria vinculado à função ligadora da mãe, que, ao investir amorosamente seu bebê, auxilia na constituição do Eu e do narcisismo, permitindo, assim, que se instaure o recalçamento originário e que, dessa forma, ocorra uma clivagem na tópica, o que possibilita o surgimento dos sistemas psíquicos diferenciados: inconsciente, pré-consciente, consciente.

Antes da clivagem da tópica e da complexa instauração do recalçamento originário, a criança não consegue abdicar da satisfação pulsional, das demandas imperiosas em tempos de autoerotismo, quando o infante encontra plena satisfação no próprio corpo – o objeto não é contingente. A criança recusa a satisfação pulsional anal-oral por medo de perder o amor dos pais. Bleichmar ilustra essa passagem com o exemplo do controle esfinteriano: como sabemos, os esfínteres são controlados antes do recalque do prazer de contato com as fezes; por isso, a criança pode estar no banheiro

com outras crianças sem sentir nojo pelas fezes delas. Há um espaço entre o controle de esfínteres e o nojo, e esse prazo está dado por um momento que é de renúncia, e não de recalque. A criança proíbe a si mesma um prazer ligado às fezes por amor à mãe, por amor ao outro (2005, p. 119).

Em um segundo momento do recalçamento originário, essas renúncias terminam de se consolidar e são efetivadas pela criança por amor a ela mesma, e não mais aos pais. O recalçamento instaurado e operando com êxito fixa nos fundos do psiquismo aquilo que perturba e deixa o aparelho livre para seguir se complexizando com seus investimentos libidinais, abrindo caminho para que as instâncias secundárias e os ideais se constituam, possibilitando a vivência do complexo de Édipo. Remetemos aos aportes de Bleichmar sobre o conceito de identificação enquanto a “operação fundamental que origina as condições para instituir a subjetividade, propiciando os requisitos da constituição psíquica” (2015, p. 69).

As vivências edípicas são experienciadas pelos sujeitos de forma singular, mas geralmente sentidas por meio de desejo, amor e ódio por ambos os pais, e esses sentimentos não podem ser acedidos pela consciência, pois causariam desprazer ao Eu e precisariam ser secundariamente recalçados. Nesse momento, estamos diante de recalçamento secundário, que funciona como um selo para aquelas primeiras renúncias recalçadas originariamente.

As identificações secundárias têm um papel importante nesse cenário constitutivo; afinal, é nesse contexto que o sujeito, podendo se identificar com pai e mãe, internalizará seus atributos e abrirá mão do objeto de desejo incestuoso/parricida. Em Freud, na medida em que se identifica com o pai, o menino tentará ser como ele, forte e inteligente, e buscará encontrar uma futura namorada com atributos que lembrem a mãe, mas essa pode ser “abandonada” por

amor aos pais e a si mesmo. Nesse sentido de recalque do desejo incestuoso/parricida, também abre passo para pensar nas questões do Supereu, que consolidam sua instauração como herdeiro do complexo de Édipo, mas seus germes se dão nos inícios da constituição da tópica psíquica. Podemos rastrear suas origens, junto à constituição da ética, desde as primeiríssimas renúncias propostas pelo adulto para a criança, dos primeiros e pequenos “nãos”, até o grande e soberano interdito do: “Você não pode ter a/o mamãe/papai!”

Bleichmar foi estendendo suas ideias também para o trabalho com adultos, principalmente em situações em que o recalque falha ou se apresentam fragilidades do Eu pela falta de ligações e simbolizações no psiquismo. Ela introduziu, para a psicanálise, a possibilidade de repensar a clínica em pacientes não neuróticos, embora sempre tenha considerado os quatro eixos básicos da psicanálise. Sua proposta é de que possamos avaliar, metapsicologicamente, nossos pacientes, determinar diante de que estrutura psíquica nos encontramos e se estamos diante de sujeitos psiquicamente constituídos ou não e, assim, traçar as formas de intervenção.

Bem, assim deveria ser, pois estamos partindo de um modelo de constituição psíquica, mas e quando aparecem falhas? A autora propôs cercar a origem e o destino das primeiras inscrições, o que definirá os destinos da constituição do sujeito.

Sendo a adolescência um momento de revivescência do infantil, época de muitas transformações hormonais, físicas e psíquicas, fase de intensos conflitos internos e externos, percebemos jovens com bastante sofrimento e angústia, fazendo a travessia para os tempos da vivência adulta desamparados. E se pensarmos em quanto tempo do *après-coup* do sexual/infantil, do parcial? Se nos interrogarmos como se formaram os primeiros tempos, os primeiros anos desses sujeitos, os tempos de constituição desses adolescentes?

A propósito dos caminhos percorridos pela libido no psiquismo, Moreno Garcia propõe:

Portanto, referimo-nos à qualidade de plasticidade da libido em oposição à tenacidade com que a libido se adere a objetos, esta adesividade impedindo o processo de abandono e de substituições daqueles objetos primários por substitutos em um trabalho de luto a serviço da vida, vida afora. As condições de um Eu que orquestre, mas sobretudo que garanta a fluidez da libido, viabiliza a complexidade dos processos identificatórios: perdas/separações dos objetos = ganho no Eu, ganho de Eu. (2020, p. 101)

Nossa ideia de trabalhar a constituição é para cercar as possíveis falhas que contribuem para o incremento das patologias mais graves, como as passagens ao ato, as escarificações, as ideações suicidas nos adolescentes e jovens que nos procuram para atendimento. E também para percorrer as condições do sujeito para os lutos necessários, as separações, as perdas garantidoras de possibilidades, a partir de renúncias, de substituições dos objetos de amor e de desejo em tempos do alvorecer adolescente.

Em Arthur: não sei

Arthur é um adolescente de 12 anos que, pouco antes de seu último aniversário, anunciou aos pais sua identidade de gênero não binária, o que se tornou o motivo da busca de atendimento. Para Arthur, a busca de um espaço privado para explorar-se; para seus pais, um suporte visando à compreensão da situação.

Em atendimento, Arthur demonstra-se silencioso, com verbalizações breves, quase monossilábicas e usando frequentemente a expressão “não sei” em seu discurso. Assim, é possível pensar sua identificação – além da identidade de gênero – a partir da negativa, a partir do “não”, do que não se é, como início de processos identificatórios para quem se é, um vir a ser. Em análise, esse vir a ser pode ser progressivamente identificado, metabolizado e transformado, fortalecendo as identificações do Eu. Após alguns meses de análise, Arthur manifesta identificar-se como um menino trans, passando então para uma identificação na afirmativa de quem se é.

No texto “Do sexual infantil à bissexualidade psíquica”, Moreno Garcia e Paim Filho propõem:

Podemos, sim, sustentar a realidade de dois sexos, anatômicos, mas não o da bissexualidade, pelo menos não a bissexualidade psíquica, estruturada em estágios de caráter evolutivos e, portanto, restritivos, que desde o infantilismo da sexualidade fazem de sexo qualquer recôndito do corpo. Diante desse hipotético saber, é impossível trabalhar com esse binarismo reducionista do sexual. Ignorando sua extensão, estaríamos diante de uma banalização do binarismo (bi-sexual) versus polimorfismo deste sexual. (2017, p. 126)

A busca de atendimento atrelada a uma identidade de gênero trans vai se dissipando e, para Arthur, outras questões precisam ser manifestadas e compreendidas. É necessário tolerar os longos silêncios de Arthur, junto a ele, para que manifestações de angústia sejam compartilhadas – como sensação de falta de ar, palpitação cardíaca, manias de organização, autolesões com cortes. Tais sintomas, ao serem compartilhados pela primeira vez com outra pessoa (no caso, a analista), puderam ser entendidos e nomeados pelo

paciente como manifestações de angústia. Até então, Arthur vivia solitariamente essas sensações, buscando abafar o afeto na tentativa de ignorá-las, como se não existissem. Na contratransferência, sente que minha presença pode ser ignorada, como se não houvesse expectativa de algo novo a ser vivenciado, como se Arthur vivesse narcisicamente sua vida anímica, de forma autoerótica, rejeitando o que vem de fora, do outro.

A relação com seus pais parece marcada por ambivalências inconscientes: ao mesmo tempo que ama/admira, odeia/despreza. Apresenta certo esforço para manter o pai na posição amada e a mãe no alvo de sua raiva, apesar de ambos os afetos serem vividos na clandestinidade psíquica. Esse esforço faz pensar nos enigmas de como os primeiros tempos foram vivenciados por Arthur. Será que as mensagens maternas foram demasiado intrusivas? Essa hipótese vem sendo explorada em análise, junto com episódios familiares atuais relatados em sessão – como “ela (a mãe) não escuta”. Ao buscar reprimir aquilo que vivencia psiquicamente, a angústia emerge, e, na falta de possibilidade tradutiva, Arthur vem se cortando. Relata alívio nesses momentos. Parece que, quando se corta, corta a mãe e apazigua a raiva que sente. Como ato parricida, ao mesmo tempo que esconde as marcas dos cortes, deseja que sejam vistos. Deseja ser desejado, ao mesmo tempo que nega que deseja.

Tal hipótese levantada refere a um momento psíquico de fusio-namento, em que o Eu se encontra ainda atrelado ao objeto, sem possibilidade de reconhecimento do Eu não Eu. Seu desejo é de plena satisfação, puro prazer, sem a necessidade de comunicação dos seus desejos. Além disso, o desejo não pode ser direcionado ao outro, ao objeto de desejo, e retorna para si mesmo. O trabalho da adolescência, assim como o da análise, é necessário para Arthur perceber a si próprio, buscando simbolizantes por um Eu, perceber o outro e, então, viver a alteridade.

No texto “Dissidências sexuais e gênero em psicanálise”, Moreno Garcia afirma:

Então, quando um psiquismo consegue se estabilizar em órbita de um modo de constituição de identidade ou com uma forma de exercício de vida amorosa e cartografia do desejo, temos, então, o caráter da alteridade enquanto definidor, constitutivo deste complexo identitário, somando-se a isto as possibilidades metabólicas e transformadoras deste psiquismo frente às intensidades que ingressaram ao longo deste histórico-vivencial. (2019, p. 53)

Fragmentos de Marcela

A fim de buscar parâmetros metapsicológicos para compreender a constituição do Eu e o obscuro na clínica adolescente, além das dificuldades que interferem no processo de complexização psíquica, citaremos vinhetas da paciente a que demos o nome de Marcela.

Marcela é uma jovem colegial que traz como demanda inicial de seu tratamento um estranhamento em relação a quem é, uma sensação de despersonalização. No decorrer do processo, algumas questões revelam-se importantes em seu histórico-vivencial: a violência sofrida pelo abandono dos pais biológicos e a adoção feita por pais bem mais velhos que não conseguiram se ocupar nem dela, nem da irmã gêmea – idêntica a partir do real.

Em seus relatos, desde muito pequena, sentia um estranhamento de tudo e de todos. Agora, na adolescência, o estranhamento fica potencializado, no sentido de não sentir que tem um lugar e nas atitudes promíscuas. Tem relações sexuais na rua

com qualquer pessoa, até mesmo com o namorado da irmã. Nitidamente, não há escolha por parceiros, sem questionamentos. Ambas, ela e a irmã, trocam os namorados com o intuito de enganá-los, tendo relações sexuais “para ver como era” (*sic*). Fazem isso na mesma sala ou no mesmo quarto, assistindo-se, tamanha era a indiscriminação entre as duas.

Durante o tratamento, os pais mostram-se bem adoecidos, também em função da idade, confusos e sem saber como agir. Não acreditam no que Marcela diz, querendo “largá-la de mão” (*sic*). São muito resistentes ao processo do tratamento da filha, assim como ela.

Marcela se recusa a falar e a pensar no que lhe é oferecido. Fala muitas gírias que a analista não entende, fazendo parecer que são estrangeiras no tratamento. Nós entramos nas gírias, iniciando, assim, no auxílio a um processo de tradução de si mesma. Essa dificuldade de ter uma língua me faz lançar luz sobre a problemática dos sérios traumatismos sofridos.

Marcela apresenta uma impossibilidade nas tentativas ativas de tradução; o desamparo originário ao qual foi submetida pelo abandono dos pais biológicos e a questão gemelar, os tempos em instituições e a adoção por pais que não a compreendem nos dão indícios de que houve violências no processo de constituição do Eu, intromissões rebeldes à metábole, que justificam o estranhamento diante de si mesma, um não saber de si, o não domínio do próprio corpo e a não língua; uma demonstração de que Marcela não possui um lugar no mundo humano?

Tais intromissões vividas por Marcela não encontram uma localização no inconsciente e ficam à deriva, tal como Marcela, alguém que vaga por aí, como ela mesma diz, nas ruas, nas madrugadas, na noite, no tratamento em momentos que não pode ser entendida, nem se entender.

Marcela não pôde depender dos antigos objetos, ou seja, não foi suficientemente investida narcisisticamente, o que pressupõe que não houve qualidade nas primeiras relações objetais; assim, nos tempos de adolescente, não pode desinvestir desses objetos para constituir-se, permanece passiva sob fracassos de tradução em uma mensagem ignorada por ela mesma, significante enigmático, o eco, o resíduo desse outro.

Portanto, sem que haja possibilidade de transcrever sua história, não se apropria de parte significativa desta, o que não a coloca no horizonte saturante/simbólico e não outorga a ela possibilidade de memória, “construção de um passado” que possa advir do passado.

A intensidade dos acontecimentos na sua vida a pega desprevenida pela incapacidade em que se encontra como sujeito. Trans-tornos, afluxo de excitações sem possibilidades de uma evacuação que não seja através da descarga primitiva, nem vias colaterais que possibilitem maior equilíbrio econômico.

A convocação violenta do corpo em Marcela pressupõe a presença do traumático desestruturante, excesso pulsional transbordante que aparece dessa relação excessiva e violenta, principalmente com a alteridade interna. Esse encontro desestruturante e malsucedido com o “outro”, o estranho, como ela se nomeia, suscita respostas defensivas precárias, como as passagens ao ato nas quais seu corpo é constantemente requerido ao mecanismo da compulsão à repetição.

Essa compulsão, efeito de algo sem representação no psiquismo, atua, encena algo que não pode ser respondido por Marcela, algo intraduzível que se encontra além da passividade originária, um intento fracassado que busca transformar a situação de dominação a qual foi imposta com atitudes extremas como resposta. Marcela tem relações sexuais com qualquer um e se coloca em situações

de intenso perigo, ataca seu próprio corpo, abandona-se, desprotege-se; ela convoca-me a fazer o mesmo, a ficar desamparada e desprotegida, mostrando novamente que não sabe fazer diferente daquilo que viveu e sentiu.

Quanto aos pais, na impossibilidade de olhar para a menina, a adoção parecia cumprir a função de “fizemos algo de bom, ela deve nos agradecer” (*sic*). Mãe adoentada com fibromialgia, ocupada 24 horas por dia com suas dores, e pai envelhecido, tentando desdobrar-se entre mãe e filhas, exausto. Essa é a situação que se passa desde a adoção.

Na transferência, a convocação é por não a ouvir, não oferecer algo que a coloque a existir enquanto sujeito, não aceita frequência e chega atrasada, fazendo com que eu assista de camarote a seu agir compulsivo, atuações consigo mesma.

Aos poucos, vou acessando sua língua, trazendo-a para uma língua traduzida sobre si mesma. Não entendo que houve uma confusão de línguas, mas que, na vida de Marcela, foi algo da ordem do intraduzível, tanto para ela quanto para os pais biológicos e os adotivos, e, portanto, uma inadequação pela incapacidade tanto da criança quanto do adulto de pegar o que se passava nesse romance infantil.

De minha parte, sustento que, por meio daquilo que minha presença convoca, a sedução originária – fundamento da relação com o outro –, reatualizo a contradição do enigma – interrogação potencial –, retomando um produto marginal, que é a sexualidade. Para isso, é necessário oferecer contenções diante do que emerge, pois a potencialidade daquilo a que Marcela foi convocada traz um erótico irrefreável.

As contribuições de Marta Rezende Cardoso contemplam aspectos fundamentais da adolescência em torno da temática da

violência e do disruptivo na totalidade da sua dimensão psíquica. Caberá ao Eu de Marcela transformá-la, para que não sucumba à destrutividade, tratando de colocá-la a serviço da vida. A vida psíquica deve transformar a energia bruta em fonte de vida e de morte (CARDOSO; MARTY, 2008).

O violento/disruptivo suscita um aprisionamento do psiquismo a um modo mais primitivo, sem intermediação, comportado pelo objeto interno e suas repercussões em relação ao objeto externo, sem acesso à alteridade e, conseqüentemente, à autonomia. É um estado de alienação, submissão relativa ao objeto interno ou “objeto único” (CARDOSO, 2006, p. 188).

A adolescência é o tempo em que a violência se apresenta e ocupa espaço, palco de um processo que traz um redespertar pulsional, uma conflitualização violenta entre pulsões e defesas, investimentos narcísicos e objetais. As cenas primitivas da infância se encontram potencializadas pela genitalidade pubertária, tempo em que podem irromper graves transtornos, como os de Marcela.

Nessa etapa, há transformações impostas pela puberdade hormonal fisiológica que trazem à tona a questão da sexualidade, de continuidade e de existência: como mudar e permanecer o mesmo, sem tornar-se um estranho a si? Esse novo corpo estranho que atrai olhares indica que mudou e reatualiza uma situação passiva. Ter que se apropriar desse novo corpo se torna vivência inédita imposta ao sujeito, em um importante momento de subjetivação.

Portanto, a adolescência não se estabelece apenas como uma fase de transição da infância para a idade adulta, mas em conflitos que pressupõem o risco de perder a sua continuidade e o sentido da vida. Trata-se de uma organização que dá um novo fundamento à sexualidade infantil – por *après-coup* – e ao que está por vir na vida adulta

Sustentamos, a partir de Bleichmar, a diferenciação entre constituição do psiquismo, como conjunto de variáveis que implicam certa universalidade para além de determinadas mudanças na produção de sujeitos históricos, e produção de subjetividade, como um processo da ordem histórica, social e política, as formas com as quais um sujeito se constitui como sujeito social. E agregamos também: com a bissexualidade psíquica acrescida da plasticidade na constituição do mosaico identificatório que retira do calvário da patologização as sexualidades contemporâneas.

Em seu potencial traumático, a adolescência é considerada por Bleichmar como uma situação limítrofe, por conta de seus limites internos e externos: investimento em novos objetos imposto pelo trabalho do luto e abertura às inaugurações. Quando esses limites são ultrapassados por uma excitação desorganizadora traumática, a saída pode ser a perda da capacidade de diferenciar dentro e fora, como nos apresenta Marcela, sem possibilidade de diferenciação.

A organização familiar é considerada uma importante fonte de desorientação subjetiva. A fragilidade de investimento afetivo geralmente se apresenta numa tendência à infantilização e, portanto, ao traumático e à irrupção do excesso pulsional. No caso dos pais de Marcela, sua ameaça (“vamos largá-la de mão”) ressignifica o abandono que ela viveu nos primeiros tempos de vida.

O ato, a passividade, o delírio e o genital empreendem uma busca grandiosa por parte da psicanálise – tanto nas adolescências com dominância neurótica como naquelas com dominância não neurótica – pela verdade do sujeito expressa em sua subjetividade, em sua representação histórica e metapsicológica, considerando os processos de modificações identificatórias.

Freud dá vários saltos em relação aos estudos a respeito da bissexualidade psíquica, entendendo-a como um fator decisivo para chegar a uma compreensão das manifestações sexuais femininas e

masculinas, mas também entende que ela está cercada por muitos pontos obscuros, principalmente no que se tratava do salto que há entre o corpo biológico, com toda sua bissexualidade, e o corpo pulsional – um percurso que parte do narcisismo, perpassado pelo Eu ideal ao Ideal do Eu, e culmina no Eu por meio de uma malha identificatória.

Paim Filho amplia a visão de uma disposição feminina originária, condição dada ao humano, inerente ao desamparo e à impossibilidade da cria humana de realizar a ação específica por si só, passividade originária. Dada essa condição, há necessidade por parte da cria de contenção e satisfação pulsional, aspectos que vão acontecendo mediante os destinos pulsionais narcísicos. Dessa forma se dá o processo defensivo e estrutural que possibilita a complexização do psiquismo.

Segundo Moreno Garcia e Paim Filho, o papel da identificação é primordial no processo de instaurar-se o narcisismo primário: receber uma demanda do outro, ser identificado (passivo) e, somente num segundo momento, receber o investimento no outro (ativo) – identificar-se. Portanto, narcisismo primário (Eu ideal/bissexualidade narcísica) e narcisismo secundário (Ideal do Eu/bissexualidade edípica) constituem o Eu. As falhas nesse processo identificatório resultam na obscuridade do aparato anímico e causam grandes prejuízos na etapa adolescente em que o *après-coup* se apresenta com maior nitidez nas traduções do originário.

Considerações finais

A adolescência em tempos obscuros e sombrios não poderia ser pensada em toda sua complexidade sem os aportes profundos da psicanálise. Por isso, nosso percorrido foi propondo um enlace

desde os inícios de Freud até a escrita contemporânea de Laplanche, Bleichmar, Marta Rezende Cardoso, Moreno Garcia e Paim Filho, entre outros autores. Assim, podemos (res)significar nossa clínica com adolescentes e embasar nosso modelo de entendimento metapsicológico e clínico.

Adolescentes como Paulo, Luana, Marcela e Arthur, que nos procuram para atendimento com manifestações cada vez mais graves, convocam-nos a pensar: **em termos de constituição, o que viveram em tempos primevos de autoerotismo, narcisismo, identificações primárias e secundárias, Édipo complexo?** Esse adolescente hoje vive trancado/protegido no seu quarto, interagindo apenas por meio de jogos online; outros, sem a possibilidade de expressar suas dores, manifestam-nas por meio de cortes/escarificações na pele; outros transbordam em angústia e sentem-se inseguros, perdidos, miméticos e capturados em uma relação dual, nem mesmo sabendo quem são ou o que querem, denunciando deficiências na constituição e consolidação do Eu representação; ou ainda adolescentes impossibilitados de dormir pelos excessos vividos, impostos.

Como foram inauguradas suas relações de amor e de desejo, o processo das inscrições depositadas daquelas relações de objeto? Como viveram as perdas, as separações, as renúncias e até mesmo as aquisições/transformações? Como no caso de Paulo, que se trata de uma mãe sem condições de ver sua cria distinta dela e que, sem a possibilidade de ajudar a ligar e traduzir o material inscrito pela modalidade das intromissões, impossibilita Paulo de fazer suas próprias traduções e ligações, levando-o a ter dificuldade para dormir, insegurança e medo de ficar sozinho.

Assim, propusemos, por meio do estudo desses tempos adolescentes em suas obscuridades, promover um estudo reentrante, que nos ajude a convocar/instaurar os enigmas, a levantar os

fantasmas, que investigue as falhas das transcrições, das traduções e da constituição como um todo. Lançamos luz sobre o período do adolecer, fase em que os conteúdos já vividos são potencializados, as marcas já inscritas podem tomar um caráter deletério ou destinar-se à vida. Que caminhos é possível tomar diante do que vem se apresentando na clínica adolescente contemporânea?

Entendemos que falar de adolescência é falar do sujeito desde seu início, é falar de tempos de resgate no *après-coup*. É historicizar, receber o indivíduo na transição para o mundo adulto e ajudá-lo com a despedida do infantil, entender toda a implicação e todo trabalho psíquico que isso demanda. A adolescência é transformação, modificação, tempo de perda e de luto daquilo que é conhecido, que desde cedo acompanha o sujeito, e, ao mesmo tempo, é época de aquisição, de integrar o “estrangeiro”, o desconhecido ao Eu. É complexidade, contradição, ambivalência, mas também um possível tempo de metabolismo.

Receber um adolescente para tratamento sob a égide da psicanálise é inquietante, é trabalhar a individualidade de cada caso, mas sempre tendo como norte a via da transferência e contra-transferência, quando nossa alma adolescente também é reativada. A transferência possibilita o encontro do passado e do presente, ofertando o caminho da ligação, da tradução, do compulsionar em direção a integrar ao Eu aquilo/aquele que um dia não foi, mas que pode encontrar meios de ser, de existir. A contratransferência mobiliza os conteúdos pulsionais daquele analista que já foi adolescente um dia e que sabe bem como esse momento pode ser maravilhoso e, ao mesmo tempo, dramático, violento e intenso.

Foi por aí que nossa jornada pelo mundo obscuro adolescente ingressou para fazer trabalhar os enigmas, buscando respostas. Contudo, nos deparamos com outros ainda maiores que parecem não ser respondidos, enigmas transformados em questionamentos,

e, mais uma vez inspiradas em Freud, encerramos nossa produção não pretendendo defender convicções e certezas, mas sim produzir pensamento.

A partir deste estudo e considerando a força das repetições mortíferas que não são elaboradas, partimos para uma expedição rumo ao originário, passando pelas identificações primárias e secundárias, atribuindo a essa grande consideração as origens do sujeito psíquico, de forma que este possa ser olhado na adolescência, fase em que tais conteúdos potencializados tomam um caráter ainda mais deletério e apresentam-se em nossa clínica contemporânea.

Não podemos negar a importância de a psicanálise se ocupar da clínica adolescente, que ficou de certa forma abandonada, encarcerada por estudos que precisam ser aprimorados para entendermos o que se passa no adolescente contemporâneo, que nos traz uma demanda devastadora tanto de si quanto do ambiente em que vive, do qual também é prisioneiro e a clínica deve ocupar-se. Mas a clínica psicanalítica pautada por esse tempo adolescente do *après-coup* é muito distinta de uma clínica desenvolvimentista, das etapas cronológicas a partir das manifestações comportamentais, fruto das irrupções hormonais.

Ruptura e transformação. O que se perde? O que se transforma? Busca de si mesmo? Busca de identidade? Busca por separar-se das figuras parentais? O violento do corpo, a passividade, a falência dos recursos do Eu, as anorexias, as bulimias, as patologias adictivas, os enigmas... Uma jornada pelo mundo obscuro adolescente que nos faz ingressar para não sair; adentrar no enigma nos abre outros enigmas maiores, que não se propõem a ser respondidos, mas a abrir vias cada vez maiores para entender a clínica adolescente.

Nesse analista do adolescente, a adolescência convocando o analista – processo de tradução, de resgate no *après-coup* da transferência, da análise da contratransferência. Teremos, na investigação metapsicológica dos tempos da adolescência interpelados pela clínica, a presença do analista auxiliar de tradução, recapturando o passado atualizado na sofrência adolescente no presente e com vistas e escuta para que, com o trabalho analítico, o passado passe.